

LENDΟ AS
ESCRITURAS
COM OS PAIS DA
IGREJA

—

—

—

—

CHRISTOPHER A. HALL

LENDΟ AS
ESCRITURAS
COM OS PAIS DA
IGREJA

Tradução

*Rubens Castilho
Meire Santos*



Editora Ultimato
Viçosa, MG

LENDO AS ESCRITURAS COM OS PAIS DA IGREJA
Categoria: Bíblia / História / Liderança

Copyright © 1998 Christopher A. Hall

Título Original em Inglês: *Reading Scripture with the Church Fathers*
Publicado originalmente por InterVarsity Press
P.O. Box 1400, Downers Grove, IL 60515, USA

Segunda edição: Dezembro de 2007
Tradução: Rubens Castilho e Meire Santos
Revisão: Bernadete Ribeiro
Capa: Júlio Carvalho

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS
EDITORIA ULTIMATO LTDA.
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3891-3149 — Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

Ficha catalográfica preparada pela Seção de Catalogação e
Classificação da Biblioteca Central da UFV

Hall, Christopher A., 1950-

H174L Lendo as Escrituras com os pais da igreja / Christopher A. Hall;
2007 tradução Rubens Castilho e Meire Santos – 2. ed.. — Viçosa :
Ultimato, 2007.
248p.

ISBN 978-85-7779-002-9

Tradução de : *Reading Scripture with the Church Fathers*
Inclui bibliografia e índice

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. - História - Igreja primitiva,
ca. 30-600. 2. Padres da igreja. I. Título.

CDD. 19.ed. 220-6
CDD. 20.ed. 220-6

Para Deb, Nathan, Nathalie e Joshua

—

—

—

—

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	9
PREFÁCIO	13
1. POR QUE LER OS PAIS?	17
2. A MENTE MODERNA E A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA	27
3. QUEM SÃO OS PAIS?	53
4. OS QUATRO DOUTORES DO ORIENTE Atanásio, Gregório de Nazianzo, Basílio o Grande e João Crisóstomo	67
5. OS QUATRO DOUTORES DO OCIDENTE Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório o Grande	117
6. OS PAIS E A ESCRITURA Exegese em Alexandria	151
7. OS PAIS E A ESCRITURA A Resposta de Antioquia	177
8. DANDO SENTIDO À EXEGESE PATRÍSTICA	199
NOTAS	225
ÍNDICE GERAL	241

—

—

—

—

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA

ALGUNS ANOS ATRÁS, fui convidado para lecionar durante um semestre a disciplina “Introdução à Teologia Espiritual”. Como a intenção era dar uma visão panorâmica da história e do desenvolvimento da espiritualidade cristã, comecei pelos Evangelhos, pelas Cartas de Paulo e pela igreja primitiva. Depois abordei as diversas contribuições dos pais do deserto, Agostinho, Gregório o Grande, Benedito e suas Regras Espirituais, os movimentos mendicantes, a espiritualidade contemplativa e os místicos da Idade Média. Quando introduzi a Reforma e a espiritualidade de Calvino e Lutero, puritanos e pietistas, um aluno, aliviado, disse: “Agora o professor está falando dos crentes”.

Enquanto falava para os alunos, a sensação era de que o período anterior à Reforma, que compreende o final do primeiro século até o final da Idade Média, havia sido dominado pelos bandidos e o período depois da Reforma, pelos mocinhos. Falar de Agostinho, Benedito, Basílio, Gregório de Nissa, Gregório, o Grande, Bernardo de Clairvaux, Juliana de Norwich, Tereza de Ávila e João da Cruz era como falar dos hereges, dos idólatras, da fase negra da história da igreja. Somente no século 16 é que entram em cena os mocinhos, que derrotam os bandidos e dão início à fase do triunfo dos crentes.

Grosso modo, esta tem sido a maneira como o povo evangélico olha para a história da igreja. Para muitos, talvez nem mesmo Calvino ou Lutero signifiquem alguma coisa. Pensam que a igreja nasceu na visão que seu pastor teve na semana passada. A incapacidade de reconhecer a contribuição teológica e

espiritual da igreja entre o período pós-apostólico e o final da Idade Média demonstra a incapacidade de reconhecer a ação do Espírito Santo na igreja de Cristo em quase quinze séculos. É como se o Espírito permanecesse todo este período em silêncio e inativo.

Foram períodos conturbados e difíceis, tanto dentro como fora da igreja, e nenhum dos pais da igreja teve acesso aos recursos teológicos e acadêmicos que temos hoje. Mas sua piedade e devoção, aliadas a um profundo temor e vivência comunitária, proporcionaram uma leitura e compreensão que têm muito a contribuir para com os cristãos modernos. Este livro é um resgate de uma das mais importantes contribuições dos pais da igreja: a leitura e compreensão da Bíblia.

O iluminismo, que exerceu grande influência no pensamento teológico e na leitura e compreensão da Bíblia no período posterior à Reforma, influência da qual somos herdeiros, provocou um divórcio entre o teólogo e a comunidade e entre a teologia e a espiritualidade. Ele criou a possibilidade de existirem teólogos que nunca oram, nunca ouvem a voz de Deus e fazem da Bíblia apenas mais um livro de estudo e análise científica. Entretanto, para os pais da igreja, fazer teologia e orar eram a mesma coisa. A teologia de Agostinho ou a de Gregório nasciam de sua espiritualidade, de sua relação com Deus, de sua vida de oração. Eles oravam, confessavam, buscavam a Deus, e sua teologia nascia deste relacionamento e de seus conflitos. Eles não liam a Bíblia apenas para defender a teologia cristã dos ataques heréticos, mas também para sua formação espiritual. Antes de ser um texto a ser explorado, a Bíblia era uma palavra que precisava ser ouvida. A integração entre a exegese bíblica e a experiência espiritual era estreita, o que dava um caráter mais pessoal e uma preocupação mais comunitária à leitura bíblica.

Hoje, a leitura científica e impessoal das Escrituras nos tem conduzido a um relacionamento também impessoal com Deus, a uma compreensão da verdade como apenas uma verdade lógica, e não uma verdade redentora que nos liberta das ilusões e mentiras que vivemos. Os pais tinham uma preocupação mais pessoal e comunitária em sua aproximação da verdade; buscavam a transformação, a santificação e a preservação da comunidade como fiel depositária da revelação. O período em que viveram foi um período cheio de afirmações, credos e declarações, que tinham a ver com a luta para manter a comunidade no caminho da verdade.

Outra diferença entre a herança iluminista e a dos pais da igreja é que o iluminismo, sendo fortemente determinado pelo racionalismo científico,

aboliu praticamente todo o mistério da revelação. Para a consciência científica, só é verdade aquilo que pode ser racionalmente decifrado e compreendido logicamente. Já os pais, por sua natureza mais relacional e pessoal, preservavam os mistérios e reconheciam que nem tudo podia ser compreendido pela lógica da ciência, pela precisão matemática. Sabiam que era preciso render-se ao incompreensível, ao insondável. Neste ponto, é interessante notar que a melhor contribuição para a compreensão da doutrina da Trindade e sua relevância para a experiência cristã e espiritual vem do século quarto, e não do período moderno. Por ser uma doutrina imersa em grande mistério, os teólogos modernos pensaram pouco sobre ela e o que pensaram permaneceu restrito ao que pode ser compreendido logicamente. Sua ênfase se deu na Trindade econômica, na maneira como Deus revela seu plano salvífico como Criador, Redentor e Santificador. Já os pais da igreja, particularmente os da Capadócia, foram um pouco mais além. Procuraram discernir o relacionamento dentro da comunhão divina, compreender o mistério do amor e interdependência que há na perfeita comunhão entre as três pessoas divinas. Com isto, eles abriram a porta para que a igreja, mesmo sem compreender todo o mistério, pudesse reconhecer a relevância da Trindade para a vida e a fé cristã. Era com esta postura que Ambrósio aproximava-se das Escrituras, como quem se aproxima de um oceano em cujas profundezas há mistérios insondáveis. Esta forma de aproximar-se da Bíblia o levava não apenas a uma reverência para com o texto sagrado, mas também a uma postura contemplativa para ouvir a voz de Deus.

Em seu livro *Working the Angles*, Eugene Peterson fala da exegese contemplativa. Segundo ele, não se trata de algo novo que substitua a exegese técnica e teológica. No entanto, nenhuma técnica produz alimento, como nenhuma informação produz conhecimento. Para Peterson, existe algo vivo em um livro, algo mais do que palavras e sentenças gramaticalmente ordenadas – existe uma alma. A redescoberta da exegese contemplativa começa basicamente com a percepção de que toda palavra é fundamentalmente um fenômeno sonoro e não impresso. Palavras são faladas antes de serem escritas, são ouvidas antes de serem lidas. Com os pais, aprendemos primeiro a contemplar e ouvir, a reconhecer que Deus fala, que é Ele quem se revela a nós, e não nós que determinamos a revelação. Isto estabelece uma nova base para a compreensão da Palavra de Deus, que nos liberta da arrogância intelectual.

Lendo as Escrituras com os Pais da Igreja nos leva ao passado e nos mostra a maneira como a igreja ouvia, compreendia e respondia a Deus e à sua Palavra. Os pais da igreja receberam este nome porque se preocupavam com a igreja antes de qualquer outra coisa. Não apenas com a igreja de séculos atrás, mas com a igreja de hoje. Aprender com eles é uma das lições básicas para todo aquele que se interessa pela Bíblia e pela teologia.

Ricardo Barbosa de Sousa

PREFÁCIO

LEMBRO-ME DA PREPARAÇÃO que fiz antes de visitar Londres pela primeira vez. Percorri com os olhos a história da famosa cidade, examinei os mapas, situei os logradouros e imaginei como seria cada um deles. Ao chegar a Londres não fiquei desapontado. Ela parecia muito com a idéia que formei com base em minha limitada pesquisa. Entretanto, aconteceram algumas decepções aqui ou ali. Por exemplo, fiquei surpreso ao constatar que o Big Ben era pequeno. As fotos que eu tinha visto — talvez por causa da luz e do ângulo usados pela câmera — exibiam uma estrutura surpreendente, que dominava o cenário. O relógio, embora imponente, não se comparava com as fotos que eu tinha visto. O resultado para este turista foi certo desapontamento.

Mencionei este fato porque a mesma sensação de desapontamento, ou mesmo de desilusão, pode levar o leitor a vacilar ao ler os pais da igreja pela primeira vez, principalmente se as expectativas forem fantasiosas, mal informadas ou injustas em relação ao assunto em evidência. Permita-me, pois, desde o início, dizer-lhe o que esperar e o que não esperar das páginas que se seguem. Este é um livro acerca de como os cristãos, em particular os cristãos dos primeiros sete séculos da história da igreja, liam e interpretavam a Bíblia. Ele é especificamente designado para satisfazer as necessidades e perguntas de pessoas interessadas em entrar no mundo da exegese patrística que precisem de um roteiro para guiá-las.

Uma série de novos comentários importantes dedicados à interpretação bíblica dos cristãos da igreja primitiva, como o ACCS – *Ancient Christian Commentary on Scripture* (Comentário dos Primeiros Cristãos sobre as Escrituras), da InterVarsity Press, tem gerado muito interesse. Muitas pessoas que seguem uma série como o ACCS descobrirão que um guia é útil quando começam a estudar a exegese dos pais. Este é o papel que procurei adotar neste livro. Meu propósito é apresentar a metodologia e o conteúdo da interpretação bíblica patrística o mais clara, simples e corretamente possível. Por que preocupar-nos em ler os pais da igreja? Que é um pai da igreja? Como eles lêem a Bíblia? Que metodologias e técnicas utilizam? Que ênfases, temas e características inclinam-se eles a comentar e que os leitores modernos têm desconsiderado? Como sua leitura da Escritura foi influenciada por seu próprio ambiente lingüístico, político, social e filosófico? Em que eles se distinguem na interpretação? Em que pontos podem eles ocasionalmente tropeçar? Como podem os pais ajudar-nos a ler bem a Bíblia hoje? Estas e outras perguntas relevantes – e, esperamos, respostas razoáveis – vão ocupar uma boa parte do texto.

Os estudiosos já familiarizados com os pais encontrarão pouca coisa neste livro e ficarão talvez surpresos com suas omissões. Por que, perguntarão alguns, certos pais estão ausentes do texto e outros foram incluídos? Minha resposta é que tanto o espaço como o propósito limitaram minha discussão e análise. Certos personagens que uns ouviriam cuidadosamente em um estudo patrístico detalhado ficarão quase silenciados neste texto introdutório. Por exemplo, não escrevi em pormenores a respeito das contribuições de exegetas como Ambrosiaster e Ticiano, desconhecidos dos que estão apenas iniciando o estudo da interpretação bíblica patrística, porém velhos familiares daqueles que exploraram amplamente este campo. Outros leitores podem perguntar o motivo de eu ter detalhado a exposição de pais que não produziram comentários extensamente, como Gregório de Nazianzo, enquanto passei ao largo das riquezas das tradições sírfica e cóptica.

Meu desejo maior foi introduzir e analisar personagens patrísticos que a igreja, tanto no Oriente como no Ocidente, reconheceu como exemplos de bons leitores da Bíblia e aplicar suas riquezas a uma variedade de necessidades, discussões e circunstâncias. Por isso, meu enfoque incide sobre os oito grandes doutores ou preeminentes mestres da igreja: Atanásio, Gregório de Nazianzo, Basílio, o Grande e João Crisóstomo, no Oriente; Ambrósio, Jerônimo, Agostinho e Gregório, o Grande, no Ocidente.

Alguns destes pais escreveram extensos comentários bíblicos. Outros, não. Todos, porém, possuíam mentes saturadas da narrativa bíblica. Todos interpretavam a Escritura dentro de ampla variedade de circunstâncias e pessoas. Às vezes, um pai, como Jerônimo, faz a exegese de um texto bíblico em resposta a uma questão levantada em carta por um amigo, ou, ocasionalmente, por um desafeto. Além disso, Jerônimo deixou muitos comentários bíblicos sugestivos. Alguns pais, como Atanásio e Gregório de Nazianzo, interpretam a Bíblia dentro de um contexto mais amplo de controvérsia teológica. Os tratados teológicos, em lugar de comentários bíblicos, oferecem a melhor introdução à exegese. No intento de mostrar, em minha exposição sobre Atanásio, algumas das suas melhores exegeses, surgem os chamados “anões pretos”*, como reação à posição teológica específica, que ele via como ameaça ao evangelho — a de Ário e seus adeptos.

Outros pais importantes, tais como Gregório, o Grande e João Crisóstomo, foram pastores talentosos, que interpretavam a Bíblia como a pregavam fielmente a suas congregações em Roma, Antioquia e Constantinopla. Em razão de sua exegese derivar do contexto das questões e preocupações pastorais, ela se reveste de um caráter especialmente prático. Nem Gregório nem Crisóstomo permitem que seus ouvintes estudem a Escritura mecanicamente. Na realidade, todos os pais insistem que o estudo da Bíblia não deve se tornar um exercício esotérico, intelectual, praticado pelo acadêmico isolado.

Ao contrário, os pais argumentam que a interpretação bíblica é uma atividade eclesiástica a ser praticada na igreja e para a igreja, no contexto da oração e da adoração. É um ato comunitário, e não um empenho exclusivamente individual. A natureza eclesiástica, comunitária e inspiradora da exegese patrística viria como uma surpresa para muitos estudantes modernos da Bíblia, especialmente para aqueles que se exercitam nas técnicas hermenêuticas do curso acadêmico moderno. Os pais são concordes em sua insistência de que o texto da Escritura abre-se àqueles que se aproximam dela reverente e receptivamente. Em resumo, os pais tratam a Bíblia, coerentemente, como um livro santo, cujas riquezas podem ser adequadamente escavadas somente por pessoas preparadas para honrar e obedecer à mensagem nela contida.

(*) Alusão a uma minúscula estrela, cuja luz raramente é detectável devido à sua pequena massa, que não produz a necessária abrasão. (N.T.)

Entretanto, alguns perguntarão: podem os discernimentos e a metodologia interpretativa dos cristãos que viveram há centenas de anos permanecer relevantes para o cristão que vive no limiar do terceiro milênio? Pode-se construir uma ponte até o mundo dos pais? Creio, seguramente, que tal projeto de construção é uma possibilidade real. O primeiro passo para concretizar a associação destes dois mundos interpretadores — o dos pais e o do cristão atual — é procurar saber como os cristãos de hoje tendem a ler e interpretar a Bíblia. Depois que essa tarefa preliminar estiver completa, o restante do livro explorará a perspectiva hermenêutica e a metodologia dos pais, uma perspectiva interpretativa que prontamente suplementará, ajudará e criticará periodicamente as abordagens da hermenêutica moderna.

POR QUE LER OS PAIS?

Jerônimo, Agostinho, Basílio, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo, Gregório de Nissa, Atanásio, Orígenes, Teodoro de Mopsuéstia, Cirilo de Alexandria, Clemente de Alexandria, Justino Mártir, Irineu, Ambrósio, Gregório o Grande. Para alguns de nós os nomes são familiares. Talvez lembranças da antiga civilização ocidental ou de um curso de história da igreja venham à mente. Lemos *Confissões* ou partes de *A Cidade de Deus*, de Agostinho. Entretanto, o passar do tempo ofuscou nossa memória ou arrefeceu nosso entusiasmo pelas personalidades e pelo mundo da igreja primitiva.

Talvez nossa reminiscência do passado nos desestimule a tentar compreender um texto de um pai da igreja. Relembramos o desejo de examinar um antigo texto cristão, e, no entanto, vem à nossa memória o terrível embotamento da mente ante a labuta, através de traduções que obscurecem mais do que esclarecem as perspectivas patrísticas. Por um lado, dizemos a nós mesmos que certamente há uma razão por que o nome de Agostinho continua sendo publicado. Por outro, com muita freqüência os escritos e o mundo de Agostinho permanecem escondidos para nós, encobertos atrás de barreiras culturais, idiossincrasias hermenêuticas, traduções incompreensíveis e controvérsias teológicas que

confundem. O mesmo pode ser dito de personalidades menos conhecidas, como Jerônimo ou Basílio.

Para outros, os pais da igreja representam um vasto território desconhecido, inexplorado. As perguntas proliferam. Que é um pai da igreja? Todos os antigos líderes cristãos recebem esta designação? Se não, como alguém se qualifica para ser chamado de pai? Por que devemos dedicar nosso tempo para lê-los? Não foram todos eles alegoristas extravagantes? Eles entendiam realmente o evangelho? Sua formação greco-romana não teria desfigurado o evangelho, tornando-o incompreensível?

PODEM OS PAIS SER CONFIÁVEIS?

Os leitores protestantes podem ser particularmente receosos neste ponto. Podemos confiar nos pais? A maioria deles não era constituída de católicos ou ortodoxos? Não acreditavam na salvação pelas obras? A sua compreensão do evangelho não era mais grega ou romana do que cristã? Para muitos inquiridores, as imagens de ascetas radicais, legalistas e desequilibrados manifestam-se rapidamente, fomentando suspeitas.

Na verdade, a confiabilidade dos pais continua sendo uma questão fundamental para os cristãos de diversas formações. Os pais nos desencaminhariam? Leram eles bem a Bíblia? Ou seu próprio preconceito cultural e religioso impediu-os de compreender claramente a essência do evangelho? Para muitos cristãos protestantes, há uma profunda suspeita de que os abusos do catolicismo romano medieval tiveram suas sementes nos pensamentos dos próprios pais. O próprio Martinho Lutero questionou: "...que benefício há em confiar nos velhos veneráveis pais, que foram aprovados ao longo de uma extensa sucessão de épocas? Não foram eles todos igualmente cegos, ou antes, não desprezaram eles as mais claras e mais explícitas afirmações de Paulo?"¹

No entanto, o mesmo Lutero, que parecia disposto a rejeitar os pais, interagiu com eles em perfeita harmonia em sua obra, particularmente apoiando-se no discernimento de Agostinho. Talvez seremos mais fiéis a Lutero se examinarmos cuidadosamente sua própria metodologia na leitura da Bíblia com os pais. Ele não reluta em criticá-los quando sente que estão errados. Ao mesmo tempo, porém, Lutero ouve-os criteriosamente e louva-os quando sente que interpretam a Escritura corretamente.

SOLA SCRIPTURA?

Muitos vêem a história da igreja dos séculos segundo ao décimo sexto como uma sucessão de erros. Para muitos protestantes, grande parte da história da igreja permanece um território devastado e improdutivo, um deserto de erros fortemente caracterizados pela ausência da direção e discernimento do Espírito Santo. Somente com a chegada de Lutero, Melanchton, Calvin, Zuínglio e Simons uma compreensão clara, autêntica e bíblicamente enraizada do evangelho foi resgatada e revitalizada. Teria a insistência dos reformadores sobre a *Sola Scriptura* lançado grave dúvida sobre a marcante tendência dos pais da igreja de lerem a Escritura à luz da tradição da igreja? Por outro lado, são as dúvidas dos reformadores centralizadas nos próprios pais ou na maneira como outros interpretaram ou mal interpretaram seu ensino?

Tomemos, por exemplo, os comentários de Lutero sobre 2 Coríntios 3.6 em seu tratado *Concerning the Letter and the Spirit* (Sobre a Letra e o Espírito). Paulo escreveu que Deus “nos habilitou para sermos ministros de uma nova aliança, não da letra, mas do Espírito; porque a letra mata, mas o Espírito vivifica” (2Co 3.6). Lutero afirma que Orígenes, Jerônimo e outros “pais forçaram e distorceram esta passagem”, enquanto reconheciam que fizeram isto “para rechaçar os judeus e heréticos, como todos bem sabem ou são capazes de saber”. Por isso, eles devem ser desculpados da sua exegese falha, porém certamente não seguidos em seu erro. Entretanto, o que mais parece irritar Lutero de modo especial é a falta de habilidade de seus opositores católicos romanos, tal como o teólogo Emser, no sentido de distinguir entre o que os pais oferecem de bom e os erros que cometeram algumas vezes. Na visão de Lutero, Emser e outros

...não têm bom senso algum com referência à obra e ensino dos pais; vão engolindo tudo o que encontram e seguem os pais somente naquilo em que os queridos pais falham como homens. E desconsideram seus ensinos quando estão corretos, como posso facilmente provar em relação a todos os ensinos e vidas que atualmente são considerados os mais excelentes.²

Lutero insiste coerentemente que “é necessário comparar os livros dos pais com a Escritura e julgá-los de acordo com sua luz”.³

O moto *Sola Scriptura* é, pois, a franca asserção e aceitação, como Anthony Lane afirma, de que “a igreja pode errar”.⁴ Os próprios pais insistem que a igreja é responsável perante a Escritura. Ao mesmo tempo, *Sola Scriptura*

nunca significou que as únicas fontes de que o cristão necessita para compreender bem a Palavra de Deus são a Bíblia e o Espírito Santo. O ideal do intérprete autônomo pode mais facilmente ser colocado nas pegadas do iluminismo do que na Reforma. Ao contrário, os reformadores, como Lutero e Calvino, consideraram sabiamente que a história, os concílios, os credos e a tradição da igreja, inclusive os escritos dos pais, eram um fértil recurso ignorado somente pelos tolos ou arrogantes.⁵

De fato, têm os cristãos, em qualquer época e em qualquer lugar, lido algumas vezes a Escritura em um vácuo, fechado hermeticamente a todas as influências históricas, lingüísticas e culturais que potencialmente anuviam ou distorcem a mensagem da Bíblia? É possível ou preferível seguir o conselho de Alexander Campbell de “abrir o Novo Testamento como se o homem mortal nunca o tivesse visto antes”?⁶ Podemos tão facilmente escapar de uma cultura e comunidade interpretativas nas quais aprendemos a ler a Bíblia? É atingível a posição do observador e intérprete objetivo e autônomo? Fica-se a imaginar. E, no entanto, muitas pessoas modernas parecem admitir instintivamente que uma posição e metodologia interpretativas altamente individualistas são metas louváveis e possibilidades realísticas. Com certa freqüência, cristãos modernos, liberais e conservadores, vêem seus próprios círculos interpretativos como conchas hermenêuticas nas quais o ar tem sido sistematicamente filtrado de influências corrosivas do passado e do presente. Entretanto, exatamente como e o que se deve identificar como influências corruptoras potenciais difere para a mente do liberal moderno e do cristão pietista. Ambos os grupos, porém, demonstram uma profunda desconfiança do passado cristão. Muitas vezes, para o liberal cristão, o passado estende-se até a emergência do iluminismo. Freqüentemente, para o pietista cristão, ele vai somente até a eclosão da Reforma.

AUSÊNCIA DE MEMÓRIA

Robert Wilken argumenta convincentemente que muitos teólogos e leigos cristãos encontram-se desenraizados e à deriva em um cenário eclesiástico secular improdutivo, notadamente porque esqueceram seu passado cristão.⁷ A mente moderna, acredita Wilken, perdeu qualquer sentido de obrigação para com o passado. Em lugar disto, muitos pensadores modernos limitaram intencionalmente a sua confiança nas idéias e tradições passadas,

optando por considerar a reflexão autônoma como o coração da racionalidade. A pessoa descobre a verdade unicamente ao separar-se por ato intencional do objeto do conhecimento. Para o cristão moderno, Wilken argumenta, esta posição autônoma tem criado uma suspeita inexorável da tradição.

Wilken identifica o teólogo católico romano David Tracy como um caso relevante. Para Tracy,

O teólogo cristão tradicional de qualquer tradição pregava e praticava uma moralidade da crença e obediência à tradição e uma lealdade fundamental às crenças da igreja-comunidade. O historiador e o cientista modernos – seja em ciência natural ou social – pregam e praticam uma moralidade exatamente contrária. Para eles, não se pode investigar uma alegação cognitiva com integridade intelectual, se insiste-se simultaneamente que a alegação é crível porque a tradição acreditou nela. Para a nova moralidade científica, a lealdade fundamental da pessoa como um analista de quaisquer e todas as alegações cognitivas é unicamente para aqueles procedimentos metodológicos que a comunidade científica particular da inquirição em pauta desenvolveu.⁸

O resultado, argumenta Wilken, é uma tendência de produzir teologia em um contexto (a universidade) e com uma posição (a inquirição autônoma de Tracy), que, irônica e desnecessariamente, divorcia o teólogo da real comunidade religiosa, na qual a inquirição e a reflexão teológicas encontram suas raízes. Wilken observa que, ao passo que “a fé cristã tem sido sempre um empreendimento crítico e racional, e na sua expressão mais elevada tem acolhido a sabedoria do mundo no ambiente da fé”, os pensadores cristãos mais sábios também reconheceram que eram “portadores da tradição”, uma tradição fundada sobre a Escritura, sujeita à investigação crítica, testada na vida de “incontáveis homens e mulheres”, defendida contra críticas e “elaborada em miríades de cenários sociais e culturais”.

É esta comunidade interpretativa mais ampla que Tracy observa com marcante suspeita em sua busca da investigação autônoma. Ora, Wilken pergunta imparcialmente: por que deveria “alguém admitir, como Tracy aparentemente faz, que a razão deve ser encontrada somente fora da tradição, e que a racionalidade genuína requer ‘autonomia’. Esta premissa parece convidar a uma amnésia intencional, uma aflição auto-imposta que privaria nossa vida de profundidade e direção.”⁹

UMA LONGA VIAGEM AO LAR

Thomas Oden, editor da série *Ancient Christian Commentary on Scripture* (Comentário dos Primeiros Cristãos sobre as Escrituras), da InterVarsity Press, escreveu amplamente sobre a tendência de as pessoas modernas subestimarem as contribuições do passado e exagerarem a sabedoria do presente. O próprio Oden, um teólogo firmemente abrigado na tradição liberal clássica por muitos anos, vinha crescentemente reconhecendo, no final dos anos sessenta, que seu desrespeito e desconhecimento quanto ao passado cristão tinha desvirtuado seriamente sua própria perspectiva teológica, filosófica, histórica e política. A peregrinação espiritual de Oden nos últimos vinte e cinco anos é, de muitas maneiras, uma ilustração apropriada de um teólogo que desperta da “amnésia auto-imposta” de Wilken, sendo útil examinar com algum detalhe.

Thomas Oden cresceu em uma família profundamente enraizada na tradição pietista e nos ideais políticos do Partido Democrático.¹⁰ Seus pais combinavam uma devoção à Escritura e uma profunda fé pessoal com um compromisso para com a filosofia política liberal e o movimento de união. Oden assumiu seriamente esta formação, especialmente a idéia de que a fé genuína sempre se revela em ação concreta. No curso colegial, ele organizou estudantes no Movimento Federalista Mundo Unido e, nos tempos de faculdade, gravitou em torno de uma filosofia quase socialista, enquanto trabalhava ardente em prol da associação Estudantes para a Ação Democrática, na Universidade de Oklahoma. Quando decidiu freqüentar a Escola de Teologia Perkins, em Dallas, fundamentou a sua escolha na esperança de que a igreja pudesse servir eficazmente como um agente de mudança na sociedade, e não em um forte compromisso pessoal com a mensagem bíblica.

Em Perkins, Joseph Matthews expôs Oden ao pensamento existencialista secular e religioso. Oden devorou as obras de Sartre, Camus e Marcel. Rudolf Bultmann, entretanto, simboliza melhor a orientação de seu pensamento. As categorias existencialistas de Bultmann restauraram a relevância da Bíblia para Oden. Novamente ele podia ler a Bíblia, embora através de lentes interpretativas que mais tarde rotularia de “modernidade”.

Quando Oden deixou Perkins para os estudos de pós-graduação em Yale, sob a direção de H. Richard Niebuhr, uma vocação teológica específica cristalizou-se dentro dele. Entretanto, seu conceito dessa vocação era ele mesmo moldado por sua idealização do novo. Como ele mais tarde descreveria

esses primeiros anos, Oden, como jovem teólogo, acreditava que seus companheiros e estudantes julgariam sua contribuição para a academia e a igreja pelo critério da inovação. O desafio de criar e inovar substituiu a sua apreciação e apropriação da própria tradição e auto-compreensão da igreja. Ele continuou a se sentir fortemente atraído para o existencialismo no final dos anos cinqüenta e início dos sessenta, uma fascinação seguida e complementada por um interesse na psicologia pós-freudiana.

Experimentações novas, associadas a uma profunda desconfiança e desdém pelo passado, marcaram o pensamento e a obra de Oden durante este período inicial. Sua interação com a Escritura e outros textos teológicos foi menos um diálogo do que um “processo de filtragem”, em que ele permitia que as fontes lhe falassem “somente à medida que elas pudessem satisfazer” as suas “condições”, “cosmovisão” e “pressuposições como homem moderno”.

Eu estava determinado a não aceitar nenhum relato que não se conformasse com minha visão moderna do mundo. ... Além disso, eu fui orientado (especialmente por Bultmann, Tillich, Heidegger e Rogers) para compreender que ser um teólogo significava lutar para criar algo novo, desenvolver uma nova teologia, ver as coisas diferentemente do que quaisquer outros tinham visto antes e, por esse meio, oferecer minha habilidade pessoal e experiência subjetiva como um teólogo para o mundo emergente.¹¹

Alguns frutos produzidos pelos permissivos anos sessenta levaram Oden a questionar seriamente suas pressuposições e metodologia teológicas.

Por volta de 1968, pude ver o mal avassalador causado pela experimentação sexual – mesmo entre meus amigos. Pude ver também aquelas vidas destroçadas pela desintegração da família e as drogas destruindo as mentes. O mundo maravilhoso que eles imaginaram estar criando estava simplesmente virando pó, cinzas e dor – uma imensa dor.¹²

Quando Oden reexaminou a direção que sua metodologia teológica tinha-lhe indicado, compreendeu que tinha chegado a um beco sem saída. Para onde voltar? A fonte da modernidade tinha secado para ele. Logo estaria bebendo de fontes inesperadas.

Oden começou a ensinar na Drew University nos primeiros anos da década de setenta e encontrou ali o filósofo judeu e verdadeiro homem da renascença Will Herberg. Foi muito interessante o fato de Herberg ter sido o homem que, em termos inconfundíveis, advertiu Oden de que sua

compreensão abrangente e suas perspectivas teológicas permaneceriam grosseiramente distorcidas, a menos que ele suplementasse sua imersão nas fontes teológicas modernas com uma exposição concentrada no mundo dos pais da igreja. Oden seguiu o conselho de Herberg e, nos cinco anos seguintes, dedicou-se a um estudo concentrado dos textos patrísticos. Durante esse tempo, sua compreensão sobre como fazer teologia mudou dramaticamente. Como resultado, ele remodelou radicalmente seu programa teológico para os anos seguintes.

Sua comunidade interpretativa anterior havia treinado Oden para pressupor que os teólogos deveriam ser criativos e inovadores em seu trabalho, se eles quisessem cumprir e validar suas vocações na igreja, no seminário, na universidade e na comunidade intelectual mais ampla. Os pais desafiavam essa suposição fundamental. Quanto mais Oden lia os pais, mais percebia quanto do que ele tinha admitido que era novo era, na verdade, velho como a própria tradição apostólica. Os primeiros escritores cristãos tinham intuído muitas idéias que Oden havia considerado contribuições modernas.

À medida que Oden estudava o pensamento patrístico, ele constatou cada vez mais que a teologia poderia e, com certeza, deveria ser feita no contexto da comunidade adoradora da igreja, uma comunidade que se estendia ao longo de uma vasta amplitude de anos, culturas e línguas. Todavia, Oden discerniu temas e práticas que permaneceram constantes na vida e reflexão da igreja, uma compreensão fundamental e “consensual” da entrada de Deus na história por meio de Jesus Cristo. Na comunidade da igreja e sua história e tradição acumuladas, Oden encontrou um corretivo à sua tendência de idealizar o “novo” como sendo inerentemente superior. O apelo para ouvir substituiu a necessidade de inovar.

Então, enquanto estava lendo Nemésio, alguma coisa estalou em minha mente. Notei que devia ler atentamente, ativamente, sem reservas. Ouvir de tal maneira como se minha vida toda dependesse disso. Ouvir de tal maneira que pudesse ver telescopicamente além de minha miose moderna, para romper os muros da minha prisão moderna e, na realidade, ouvir vozes do passado com suposições inteiramente diferentes acerca do mundo, do tempo e da cultura humana. Somente então, em meus quarenta anos, comecei a tornar-me um teólogo. Até aquele momento eu tinha estado ensinando teologia sem ter me encontrado o suficiente com meus mentores patrísticos que podiam ensinar-me teologia.¹³

Oden tinha experimentado um “redirecionamento”, uma “reviravolta hermenêutica”, por meio dos quais “aprendeu a ouvir os textos pré-moderinos”. Ele veio a compreender que a hermenêutica não podia ser separada do caráter, disposição e obediência, uma ênfase patrística que vamos explorar em páginas adiante. Ouvir um texto e obedecê-lo tornou-se para Oden “a lição isolada mais importante que aprendi hermeneuticamente. ... Carl Rogers ensinou-me a confiar em minha experiência. Os antigos escritores cristãos ensinaram-me a confiar que a Escritura e a tradição transformariam minha experiência”.¹⁴

A viagem de Oden da teologia moderna para a “paleo-ortodoxia” foi admirável. Vários outros teólogos e estudiosos bíblicos, muitos deles relativamente jovens, estão seguindo na mesma direção. Por que este grupo crescente de “jovens antiquados”, como Oden os apelidou? Por que muitos se tornam insatisfeitos com os meios modernos de ler e interpretar a Escritura? Somente uma visão mais detida de como os cristãos modernos lêem a Bíblia pode responder a estas importantes perguntas.